

A Organização da Fala-em-interação na Telenovela Brasileira: Um Estudo da Fala Cotidiana na Telenovela *O Astro*

The Organization of Talk-in-interaction in a Brazilian Soap Opera: A Study of Daily Talk in the Soap Opera *O Astro*

*Leonardo Coelho Corrêa-Rosado¹
Wânia Terezinha Ladeira²*

RESUMO: O presente trabalho é um estudo da organização da tomada de turnos da fala-em-interação de uma telenovela brasileira. Nosso objetivo é descrever, em comparação com a conversa cotidiana espontânea, tal sistemática, observando os componentes, as regras e as principais características desse tipo de fala-em-interação; para tal, utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos fornecidos pela Análise da Conversa Etnometodológica (AC). Para a realização deste trabalho, selecionamos uma cena da telenovela *O Astro*, exibida pela Rede Globo no horário das 23 horas, no período de 12 de julho a 28 de outubro de 2011. Através da seleção da cena, realizamos a transcrição, conforme as convenções disponibilizadas pela AC. Após a transcrição, descrevemos a organização da tomada de turnos seguindo os pressupostos utilizados. Os resultados mostram que, na conversa cotidiana da telenovela, a negociação

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Discursivos) da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Bolsista CAPES/REUNI.

² Doutora em Estudos Linguísticos pela PUC/RJ. Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

da organização da tomada de turnos é pré-determinada pelo roteiro que os atores, diretores, técnicos etc. devem seguir para que o produto seja exibido nos aparelhos de televisão dos telespectadores. Essa pré-determinação faz com que as principais características da conversa cotidiana não ocorram durante a fala-em-interação da telenovela, mesmo que ela tente fazer uma simulação de tais características.

PALAVRAS-CHAVE: Análise da Conversa Etnometodológica. Telenovela. Organização da tomada de turnos. Fala-em-interação. Enquadre.

1 Introdução

O presente trabalho é um estudo da organização da tomada de turnos da fala-em-interação de uma telenovela brasileira. Nosso objetivo é descrever, em comparação com a conversa cotidiana espontânea, tal sistemática, observando os componentes, as regras e as principais características desse tipo de fala-em-interação, utilizando, para tal, os pressupostos teórico-metodológicos fornecidos pela Análise da Conversa Etnometodológica, sobretudo pelo trabalho de Sacks, Schegloff e Jefferson (2003).

Para a realização deste trabalho, selecionamos uma cena da telenovela *O Astro, remake* da obra de Janete Clair, escrita por Alcides Nogueira e Geraldo Carneiro e exibida pela Rede Globo de televisão no horário das 23horas, de terça a sexta-feira, no período de 12 de julho a 28 de outubro de 2011. Através da seleção da cena, realizamos a transcrição, conforme as convenções disponibilizadas pela Análise da Conversa; em seguida, descrevemos a organização da tomada de turnos seguindo os pressupostos utilizados.

O presente trabalho está dividido em três partes, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira parte, faremos uma apresentação do referencial teórico utilizado, no caso a Análise da Conversa Etnometodológica, apontando os seus principais pressupostos e conceitos. Na segunda parte, daremos uma descrição detalhada do *corpus* e das categorias consideradas para a análise. Por fim, apresentaremos os dados levantados na análise, comparando, quando possível, com a conversa cotidiana.

2 A análise da conversa etnometodológica: alguns apontamentos

A Análise da Conversa (doravante AC) é, de acordo com Garcez (2008), uma tradição de pesquisa de origem anglo-norte-americana que advém de uma vertente da Sociologia, a Etnometodologia, inaugurada através da publicação da obra de Harold Garfinkel, *Studies in Ethnomethodology*, no início da década de 1960.

A Etnometodologia, nas palavras de Watson (2011), surgiu em contestação aos métodos tradicionais de investigação da organização social utilizados pela Sociologia, nos moldes como ela era realizada até finais da década de 1950. Watson (2011) aponta que o projeto de Garfinkel era criar um tipo de sociologia que abolisse as distinções (vigentes no que ele chama de Sociologia Tradicional ou Macrossociologia) entre ação e estrutura, sujeito e objeto, distinções estas que colocava o sociólogo numa posição superior às pessoas comuns, como se este fosse o único capaz de explicar como se organiza a sociedade e como as pessoas agem nessa organização. Trata-se, então, de uma visão abstrata da organização social, na qual os elementos sociais eram dados apriorísticos com os quais o sociólogo trabalhava para explicar a vida em sociedade.

Garfinkel, de acordo com Watson (2011), queria romper com esta tradição e criar uma sociologia na qual as pessoas comuns, realizando suas ações, explicassem a situação analisada pelo sociólogo, desenvolvendo uma concepção da ordem social como algo mais palpável. Nesse sentido, o projeto de Garfinkel preenche a lacuna deixada pela Sociologia Tradicional que é a de considerar a interação entre as pessoas comuns como algo extremamente significativo, uma vez que é no interior dessas interações que as pessoas agem e dão sentido ao mundo ao seu redor. Assim, Watson (2011), utilizando a metáfora da roda-gigante (*ferry-wheel*), aponta que Garfinkel desejava levar a Sociologia do alto da roda-gigante, lugar onde as pessoas são minúsculas como “formigas” e os detalhes não são vislumbrados, para o baixo da roda-gigante, onde é possível ver as pessoas como elas se veem e contemplar as ações realizadas por elas, sobretudo, através da linguagem.

É dentro desse contexto que a AC surge como um aparato metodológico de investigação da ação, realizada através da linguagem, desempenhada pelos agentes sociais em contextos situados. Portanto, a unidade de análise da AC, conforme Garcez (2008), é a ação social humana.

Para Heritage e Atkinson (1984):

O objetivo central de pesquisas em Análise da Conversa é a descrição e a explicação das competências que os falantes comuns usam e de que se valem para participar de interações inteligíveis e socialmente organizadas. Em sua forma mais básica, esse objetivo é descrever os procedimentos por meio dos quais os participantes produzem seus próprios comportamentos e entendimentos e por meio dos quais lidam com o comportamento dos outros. Uma concepção básica é a proposta de Garfinkel (1967:1) de que essas atividades – produzir comportamento e entendimento e lidar com isso – são realizadas como produtos de um conjunto de procedimentos

passíveis de serem explicados. (HERITAGE; ATKINSON, 1984, p. 1) (tradução nossa).³

O sociólogo Harvey Sacks foi o primeiro a vislumbrar as possibilidades analíticas de investigação de um evento social tão comum e corriqueiro como a conversa cotidiana. Juntamente com Garfinkel, Sacks descreveu os métodos (ou etnométodos) que as pessoas comuns utilizam para realizar ações no mundo através da fala-em-interação.

Os apontamentos de Sacks, publicados somente em 1992, com o título *Lectures on Conversation*, constituem um dos principais pilares da abordagem analítica da AC. Outra contribuição importante para a AC advém do trabalho de Sacks, Schegloff e Jefferson, intitulado *A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation*, publicado em 1974, na revista *Language*. Nesse trabalho, os autores procuram demonstrar, a partir de gravações em áudio de conversas mundanas, que a conversa não é uma ação humana tão caótica quanto parece e que as pessoas se organizam socialmente através da fala, já que, toda conversa é uma negociação entre interagentes.

Um pressuposto importante nas pesquisas em AC, conforme asseveram Silva, Andrade e Ostermann (2009), é analisar interações naturalísticas, implicando, dessa forma, que há, por parte do analista, uma preocupação com a não manipulação, seleção ou reconstrução dos dados baseados em

³ No original: "The central goal of conversation analytic research is the description and explication of the competences that ordinary speakers use and rely on in participating in intelligible, socially organized interaction. At its most basic, this objective is one of describing the procedures by which conversationalists produce their own behavior and understand and deal with the behavior of others. A basic assumption throughout is Garfinkel's (1967: 1) proposal that these activities - producing conduct and understanding and dealing with it -are accomplished as the accountable products of common sets of procedures."

noções pré-concebidas daquilo que é provável ou importante. Assim, segundo as autoras:

A palavra “naturalística” indica que os dados não são experimentais ou gerados a partir de um roteiro prévio, mas que foram coletados no ambiente em que eles aconteceram. Ou seja, os dados que servem à AC não provém (*sic*) de coletas realizadas por meio de entrevistas pré-concebidas, questionários ou *role-plays*, por exemplo. Em outras palavras, a AC se volta para a investigação de situações que ocorrem no dia-a-dia e da maneira como elas aconteceriam, mesmo se não houvesse pesquisa sendo realizada. (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009).

A obtenção de tais dados naturalísticos é feita a partir de gravação em áudio e/ou em vídeo das conversas dos participantes. Essas gravações são transcritas obedecendo a uma série de convenções que procuram sinalizar diferentes aspectos que permeiam uma determinada conversa naquela hora e naquele local, tais como as pausas realizadas pelos interagentes, a sobreposição de falas, a entonação ascendente ou descendente, as falas coladas, as palavras proferidas de forma incompleta, entre outras. Desse modo, as transcrições são utilizadas pelos analistas da conversa como uma maneira conveniente de representar o material gravado de forma escrita, tornando-o acessível a outros pesquisadores e descrevendo a conversa do modo “mais realístico” possível. Portanto, metodologicamente, a AC possui dois procedimentos básicos: a) gravação das conversas cotidianas para obtenção dos dados naturalísticos; b) transcrição das conversas, que não substitui a conversa em si, mas que auxilia o analista a descrever a organização da fala-em-interação.

Garcez (2008) arrola alguns pressupostos e compromissos fundamentais da AC. Dentre eles, destacamos: a) *valorização da perspectiva êmica e os procedimentos de prova*, que, ligada ao compromisso com a observação detalhada de

dados de uso da linguagem em ocorrência natural, diz respeito à valorização da perspectiva dos participantes sobre as ações conforme eles demonstram uns para os outros, indo, dessa forma, ao encontro do projeto de Garfinkel, segundo nos relata Watson (2011); b) *primordialidade da conversa cotidiana entre os sistemas de troca de fala e formas de usos da linguagem*, concernente ao fato de que os analistas da conversa, embora estudem a fala-em-interação de maneira bastante ampla, preocupam-se, primordialmente, com a forma básica de sistema de trocas de turnos, a conversa cotidiana, colocando as outras formas de fala-em-interação num plano secundário; c) *intersubjetividade como convergência entre realizadores de ações*, entendida como o fato de que os agentes sociais realizam suas ações cotidianas conjuntamente (agir conjuntamente); e d) *desvalorização da explicação psicológica e do recurso analítico à intenção e pertencimento a categorias a priori*, que, indo ao encontro das propostas de Garfinkel, postula que a preocupação do analista da conversa não é tecer considerações sobre “ilações relativas ao que os participantes possam ter dentro de sua cabeça” (GARCEZ, 2008, p. 32) e muito menos considerar categorias apriorísticas para analisar tais interações; ao contrário, eles procuram descrever e analisar o que os próprios interagentes fazem ao utilizar a linguagem.

Outras noções são centrais para a AC, tais como os conceitos de sequencialidade, adjacência e preferência, e, por isso, vamos tratá-los separadamente na seção abaixo.

2.1 Os conceitos de sequencialidade, adjacência e preferência na AC

Os primeiros estudos no interior da AC procuraram descrever a maquinaria que constitui a conversa cotidiana. Nesse

sentido, três noções foram desenvolvidas para explicar tal maquinaria: a) sequencialidade, b) adjacência e c) preferência.

A **sequencialidade**, segundo Loder, Salimen e Müller (2008), diz respeito ao fato de que as ações constituídas por meio da linguagem em interação social são organizadas em seqüências de elocuições produzidas por diferentes participantes. Isso pressupõe que cada participante, ao produzir sua elocução, o faz de forma ordenada, levando em consideração o que o outro disse previamente. Desse modo, os turnos de fala devem ser analisados como elementos integrantes de uma configuração sequencial, e não como elementos estanques, que possuem o mesmo valor e que realizam as mesmas ações onde e quando quer que sejam produzidos. Assim, o eixo da sequencialidade possui dois elementos básicos: a) elocuições produzidas sucessivamente e b) alternância ordenada dos participantes na vez de tomar a palavra.

Já a **adjacência** está relacionada com os pares adjacentes identificados por Sacks. Conforme nos relata Loder, Salimen e Müller (2008), Sacks, em seus primeiros estudos, observou que há elocuições que se organizam sequencialmente em pares, constituindo, assim, uma unidade, os chamados *pares adjacentes*, tais como: pergunta-resposta, convite-aceitação/recusa, entre outros. De modo geral, os pares adjacentes são compostos de duas elocuições posicionadas uma em seguida da outra, sendo cada uma dessas elocuições produzidas por falantes diferentes. Assim, o par adjacente pergunta-resposta indica que um falante, através de sua elocução, realiza uma pergunta e torna relevante uma outra elocução, a resposta, que constitui seu complemento.

Loder, Salimen e Müller (2008) apontam que os pares adjacentes possuem características importantes. Primeiramente, há um ordenamento entre as elocuições que forma o par, já que uma vem antes de outra. Em segundo lugar, há uma relação

entre as duas elocuições, tal que, dada a primeira parte do par, não se segue uma segunda parte qualquer, mas apenas algumas são admissíveis. Assim, a ocorrência de uma determinada primeira parte do par cria a expectativa da ocorrência, em seguida, de uma determinada segunda parte do par (ou de um leque de segundas partes do par, como é o caso do convite, em que se cria a expectativa de ocorrência de uma aceitação ou de uma recusa), a chamada *relevância condicional*.

No que diz respeito à **preferência**, esta se relaciona com as possíveis alternativas para a segunda parte do par. Em outras palavras, há certas primeiras partes do par que admitem mais de uma segunda parte, como os convites e os pedidos. Assim, na conversa corrente, o falante dá preferência a uma dessas segundas partes admissíveis. Loder, Salimen e Müller (2008), baseando-se em Levinson (1983), ressaltam que nem todas as segundas partes potenciais possuem o mesmo estatuto. Diz-se, com isso, que há segundas partes que são *preferidas* e outras que são *despreferidas*. De acordo com Loder, Salimen e Müller (2008), as elocuições preferidas são normalmente mais breves e produzidas tão logo quanto possível; enquanto as elocuições despreferidas são normalmente produzidas com atrasos, prefácios, hesitações, justificativas etc., exigindo um trabalho interacional maior por parte do falante.

Vale ressaltar que o termo preferência, no âmbito da AC, não está relacionado com as motivações psicológicas dos interagentes (motivações essas que, como vimos com Garcez (2008), são desconsideradas), mas sim com o que os participantes demonstram, sequencialmente, uns para os outros a respeito de suas ações em curso.

A seguir, faremos uma breve exposição da organização da tomada de turnos em fala-em-interação, que é outro interesse de estudo importante no interior da AC.

2.2 Organização da tomada de turnos

Os autores Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) procuraram descrever a sistemática de como os participantes de uma interação se organizam de forma a se entenderem e de serem capazes de manter uma conversa. Dessa forma, os autores apontam que os trabalhos sobre organização da tomada de turnos realizados em diferentes campos de pesquisa não tinham, até então, uma explicação sistemática centrada na organização em si; esses trabalhos estão mais preocupados com “algum resultado particular ou produto da operação da tomada de turnos, interpretado como relevante para algum outro problema” (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 2003, p. 13). Assim, os autores ressaltam que:

O assunto deste trabalho é o sistema de tomada de turnos na conversa, e o que já foi mencionado enquadra-se entre as questões às quais esse trabalho será direcionado. Outros autores já observaram que a organização da tomada de turnos na fala é um tipo de organização operante na conversa e localizaram uma gama de características e detalhes interessantes desse tipo de organização. Mas ainda não está disponível uma descrição da sistemática para a organização da tomada de turnos na conversa. Aqui, com base na pesquisa realizada com o uso de gravações em áudio de conversas de ocorrência natural, tentamos caracterizar, em sua forma sistemática mais simples, a organização da tomada de turnos na conversa e destacar alguns dos interesses dessa organização. (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, [1974] 2003, p. 11).

Portanto, a sistemática da tomada de turnos descreve a ordenação de regras, observadas na conversa, sob o ponto de vista da alocação das oportunidades de falar (FREITAS; MACHADO, 2008). Tal sistemática, sob a óptica de Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974] 2003), coloca a organização da tomada de turnos na conversa como, ao mesmo tempo, *livre de contexto*, já que há um aparato formal que parece ter um tipo

apropriado de abstração geral, e *sensível ao contexto*, uma vez que a conversa pode

acomodar uma vasta gama de situações, interações nas quais estão operando pessoas de variadas identidades (ou de variados grupos de identidades); ela pode ser sensível às várias combinações; e pode ser capaz de lidar com uma mudança de situação dentro de uma situação (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 2003, p. 14).

A sistemática elementar descrita pelos autores possui dois componentes básicos: a) a construção de turnos e b) alocação de turnos. Além desses componentes, há também regras, de caráter descritivo (e não prescritivo, como ressaltam os autores), que organizam a troca de turnos. Freitas e Machado (2008) resumem tais regras da seguinte maneira:

Regra 1- Para qualquer turno, no lugar relevante para transição (LRT) de uma unidade de construção de turno (UCT): (a) Se o falante corrente identificou ou selecionou um próximo falante em particular, então o falante selecionado deve tomar o turno nesse momento. (b) Se o falante corrente não selecionou o próximo falante antes do final da UCT, então qualquer próximo falante pode (mas não necessariamente precisa) se auto-selecionar nesse ponto. Se ocorrer auto-seleção, então o primeiro falante a se autoselecionar tem direito ao turno. (c) Se nenhum próximo falante se auto-selecionou, então o falante corrente pode (mas não necessariamente precisa) continuar a falar com uma nova UCT. [...]

Regra 2: Se o falante corrente não identificou ou selecionou um próximo falante em particular (1(a) acima) ou se, ao final da UCT, um próximo falante não tiver se auto-selecionado (1(b) acima), então as regras 1(a)-(c) passam a valer novamente para o próximo LRT e assim recursivamente até que a transição de turnos se realize. (FREITAS; MACHADO, 2008, p. 66-69).

Sobre o componente composição de turnos, Freitas e Machado (2008) ressaltam que o turno é “o seguimento construído a partir de Unidades de Construção de Turno (UCTs)

e pode corresponder, de maneira geral, a unidades como sentenças, orações, palavras isoladas, locuções frasais ou mesmo recursos prosódicos (...). Assim, as UCTs são unidades básicas da organização dos turnos na fala interacional. Elas são caracterizadas por dois traços: a) projetabilidade, que “se refere ao fato de que os participantes podem prever, no curso da UCT, que tipo de unidade está sendo produzida pelo interlocutor e, onde, provavelmente, o turno pode vir a terminar”; b) Lugares relevantes para transição (LRT), que se referem “ao fato de que há locais em que os falantes identificam uma possível completude de uma UCT e, com isso, podem fazer troca de turnos legitimamente, ou seja, sem que isso configure interrupção” (FREITAS; MACHADO, 2008, p. 63-64).

Já o componente alocação de turnos concerne às possibilidades de definir/selecionar quem será o próximo falante. Ela pode ocorrer de duas formas: a) seleção do próximo, “quando o falante corrente seleciona o próximo falante – geralmente dirigindo-se ao destinatário verbalmente ou pelo olhar”; b) autoseleção, “quando um interagente se auto-candidata para tomar o turno” (FREITAS; MACHADO, 2008, p. 65).

Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974] 2003) listam uma série de características gerais aplicáveis a qualquer conversa. Dentre elas destacamos:

1. A troca de falante se repete, ou pelo menos ocorre;
2. Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez;
3. Ocorrências de mais de um falante por vez são comuns, mas breves;
4. Transições (de um turno para o próximo) sem intervalos e sem sobreposições são comuns. Junto com as transições caracterizadas por breves intervalos ou ligeiras sobreposições, elas perfazem a grande maioria das transições;
5. A ordem dos turnos não é fixa, mas variável;
6. O tamanho dos turnos não é fixo, mas variável;

7. A extensão da conversa não é previamente especificada;
8. O que cada um diz não é previamente especificado;
9. A distribuição relativa dos turnos não é previamente especificada;
10. O número de participantes pode variar;
11. A fala pode ser contínua ou descontínua;
12. Técnicas de alocação de turno são obviamente usadas. Um falante corrente pode selecionar um falante seguinte (como, por exemplo, quando dirige uma pergunta à outra parte) ou as partes podem se autoselecionar para começar a falar;
13. Várias ‘unidades de construção de turnos’ são empregadas; por exemplo, os turnos podem ser projetadamente a ‘extensão de uma palavra’ ou podem ter a extensão de uma sentença;
14. Mecanismos de reparo existem para lidar com erros e violações da tomada de turnos; por exemplo, se duas partes encontram-se falando ao mesmo tempo, uma delas irá parar prematuramente, reparando, assim, o problema.

Essas características, bem como os componentes e regras da sistemática de organização da troca de turnos da fala interacional, serão observadas e descritas em relação à conversa cotidiana na telenovela brasileira. Na seção referente à análise de nosso *corpus*, discorreremos mais detalhadamente sobre esses elementos e observaremos como eles ocorrem na conversa de telenovela selecionada para este trabalho.

3 Descrevendo o *corpus*: a telenovela *O Astro* e a morte de Salomão Hayalla

A telenovela *O Astro*, exibida pela Rede Globo de Televisão, entre os dias 12 de julho a 28 de outubro de 2011, é

um *remake*⁴, escrito por Alcides Nogueira e Geraldo Carneiro, da obra de Janete Clair de mesmo nome, também exibida pela mesma emissora, entre 6 de dezembro de 1977 e 8 de julho de 1978, num total de 186 capítulos, segundo informações do Dicionário da TV Globo (2003).

O enredo de *O Astro* conta a história de Herculano Quintanilha, um ilusionista que trabalha numa casa noturna no bairro da Penha, Rio de Janeiro, e que vê sua vida ser completamente transformada ao conhecer o filho de Salomão e Clotilde (vulgo Clô) Hayala, Márcio. A partir da convivência com Márcio, Herculano passa a integrar o grupo Hayala, primeiramente como assessor de Márcio – que, após a morte do pai, Salomão, assume a presidência do grupo – e, em seguida, como presidente do grupo. O grupo Hayala, que é formado pelos irmãos Salomão (o mais velho), Youssef, Amim e Samir Hayala, administra uma grande rede de supermercados, os *Supermercados Hayala* (que na trama era concorrente do Carrefour) e almeja adentrar no ramo da construção civil para se tornar concorrente do grupo Melo Assumpção, chefiado por Amanda Assumpção, engenheira civil e filha mais velha do Sr. Melo Assumpção. A ascensão de Herculano à presidência do grupo provoca a ira de Samir, que tenta de todas as formas derrubar Herculano e desmascará-lo para Márcio. Ao final, Herculano é forçado a deixar a presidência após uma auditoria, exigida por Samir, que evidencia que o mesmo desviava dinheiro da empresa para sua conta bancária particular.

Além da saga de Herculano Quintanilha, seja como bruxo/ilusionista, seja como presidente do grupo Hayala, a trama de *O Astro* também foi alimentada pela paixão de Herculano por Amanda, pelo romance de Lili e Márcio Hayala,

⁴ Utilizamos o termo *remake* tal como definido por Xavier (2007): “*remakes* são regravações que podem sofrer mudanças para atualizar ou ajustar a obra”.

pelos trambiques e falcatruas de Neco, mas, sobretudo, pelo assassinato misterioso de Salomão Hayala, ocorrido no capítulo 15, exibido na quinta-feira, 04 de agosto de 2011. A novela teve um total de 64 capítulos e, durante 49 capítulos, a pergunta “quem matou Salomão Hayala?” foi alimentada pela trama.

Devido à importância que o assassinato de Salomão tem para o desenvolvimento do enredo de *O Astro*, selecionamos, para a análise da fala-em-interação na telenovela, a cena em que os personagens Inspetor Eustáquio e Inspetora Elizabeth (encarregados de desvendar o mistério) revelam quem, de fato, matou Salomão Hayala. Tal cena foi ao ar no último capítulo do *remake* em questão, exibido no dia 28 de outubro de 2011.

O ambiente da cena é a mansão dos Hayala e nela se encontram presentes os seguintes personagens (que denominaremos em nossas análises de participantes): Inspetor Eustáquio, Inspetora Elizabeth, Clô Hayala, Inácio (mordomo dos Hayalas), Youssef Hayala, Nádia Hayala (esposa de Youssef), Amim Hayala, Jamile Hayala (esposa de Amim), Melo Assumpção, Miriam Paranhos (namorada de Melo Assumpção) e Henri Sourrel (cabeleireiro particular de Clô). A duração da cena é de aproximadamente 10 minutos, com um intervalo comercial de 5 minutos. A ação dramática da cena centra-se na revelação do(s) assassino(s) de Salomão Hayala, sendo ela basicamente realizada pelo Inspetor Eustáquio.

Nosso *corpus* é constituído, então, da transcrição da fala-em-interação na cena em questão. A partir dessa transcrição, observaremos a sistemática da organização de turnos dos participantes (personagens) envolvidos na cena.

Vale ressaltar que estamos tomando, neste trabalho, a telenovela, com o seu roteiro, como um *enquadre interativo*, isto é, como “a definição do que está acontecendo em uma interação” (TANNEN; WALLAT, 1998, p. 123). Trata-se,

portanto, de uma moldura que “envolve” a atividade interacional, auxiliando na interpretação da atividade desenvolvida na fala-em-interação, visto que o enquadre é constituído de uma constelação de pistas contextuais.

A análise de enquadres, segundo Ribeiro e Hoyle (2002), é um modo de estudar a organização da experiência da vida cotidiana em uma perspectiva cognitiva e interacional, enfatizando a construção, comunicação e interpretação de significados. Os enquadres afetam o modo pelo qual categorizamos, relembramos, revisamos o que sabemos, o que dizemos ou queremos dizer, como os outros interpretam; enfim, como praticamos ações conjuntamente por meio da fala-em-interação. Logo, um *frame* ou enquadre constitui um tipo de organização da experiência da vida cotidiana que se realiza na construção, comunicação e interpretação de significados, ou seja, o *frame* é “resgatado” no momento da interação social (diferentemente do *script* ou esquema de conhecimento que é prévio, pois está “armazenado” na memória do indivíduo e constitui parte do seu conhecimento prévio) para dar significado a essa interação. Os enquadres não são entidades estanques e podem mudar dentro de uma mesma fala-em-interação. Por isso, podemos admitir laminações dos enquadres: há enquadres maiores e enquadres menores que estão encaixados nos maiores.

Desse modo, o *remake* de *O Astro*, neste trabalho, pode ser considerado como um enquadre maior, enquanto a atividade ocorrida no interior da cena⁵ corresponde a um enquadre menor, laminado do maior.

⁵ O termo **cena**, neste trabalho, está sendo compreendido como uma “unidade dramática do roteiro, seção contínua de ação, dentro de uma mesma localização” (DOC COMPARATO, 1983, p. 245).

4 Fala-em-interação na telenovela em foco: analisando uma cena

Como apontado na seção anterior, escolhemos, para a análise da fala-em-interação, a cena da revelação dos autores da morte de Salomão Hayala, que ocorreu no último capítulo (capítulo 64) da telenovela *O Astro*.

A nossa análise tentará descrever a sistemática da organização da tomada de turnos, elaborada por Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974]2003), observando os componentes (composição de turnos e alocação de turnos), as regras e as características da mesma em comparação com a conversa cotidiana. Assim, realizaremos a nossa descrição de forma a apontar tais elementos, obedecendo esta ordem: a) componentes, b) regras e c) características. Ressaltamos, porém, que, embora estejamos separando tais elementos por uma questão didática e metodológica, na fala-em-interação, cotidiana ou de telenovela, tais elementos ocorrem simultaneamente.

4.1 Componentes e regras da organização da tomada de turnos

Na fala interacional transcrita e analisada para este trabalho, observamos que, em relação ao componente construção de turnos, as UCTs ocorrem, sendo bastante visíveis (ou audíveis) na falas dos participantes. A fala-em-interação da cena analisada é, de certo modo, comandada pelo Inspetor Eustáquio, pois é ele quem de fato revela os assassinos de Salomão Hayala:

Excerto 1

01 Inspetor Nós convocamos também um casal
02 Eustáquio amigo da família,
03 doutor Assunção e dona Miriam
04 Paranhos, e o Senhor Henri
05 Sourrel...
06 que já fez a cabeça de muita gente
07 bacana aqui..
e que.. <provavelmente> não
cometeu crime algum na nossa
área....
>provavelmente<...a gente nunca
sabe.
08 .. ((Henri olha para o Inspetor))
09 O que se sabe, pela delegacia de
10 sequestros..
11 é que ele é cúmplice no caso do
12 filho do seu Herculano Quintanilha
...e pela roubos e furtos..que ele
roubou a escultura do Capriart.
13 (2.8) ((música de suspense de
fundo))
14 Em suma (2.2) prezados senhores e
15 senhoras...
16 é agora que nós vamos saber quem
são os responsáveis, pela morte do
doutor Salomão Hayala.

Teoricamente, se há UCTs nos turnos dos participantes, há, portanto, projetabilidade e locais relevantes para transição (LRT). Porém, tais características das UCTs, que na conversa cotidiana ocorrem de maneira espontânea sem alguma pré-determinação, na fala-em-interação analisada, elas são pré-determinadas, pois, como já apontamos, o diálogo entre as personagens de uma TN está determinado pelo o que está contido no roteiro enviado aos atores e memorizados por eles. Obviamente, podem ocorrer improvisações, como muitos atores apontam, mas, no geral, toda a ação dramática e o diálogo das cenas são pré-determinados. Com isso, a projetabilidade, que

permite ao interlocutor prever onde se encerra a UCT, é prescrita, ocorrendo, na verdade, uma simulação.

Na conversa que analisamos, podemos observar essa projetabilidade marcada através da falta de sobreposição entre falas (não houve recorrência de nenhuma sobreposição entre os turnos dos participantes), da falta de falas engatadas (também não houve recorrência desta na conversa analisada) e nas pausas abundantes entre os turnos do falante corrente (linhas 6, 7, 8, 11, 13, 14). Consideremos o excerto abaixo:

Excerto 2

01 Inspetor ((suspiro))
 02 Eustáquio o doutor Salomão montou o seu
 03 cassino clandestino..
 04 e: a senhora, dona Miriam..rece:be:
 05 u:ma:: pensão informal do falecido
 06 (1.1)
 07 RECEbia.
 08 (1.8)
 09 de repente ele <resolveu::>
 10 <suspender> a sua grana mensal >
 talvez a senhora tenha achado< que
 isso era: razão suficiente..pra::
 apagar o doutor Salomão.
 11 Miriam ..É claro que não!

No fragmento acima, o Inspetor Eustáquio faz uma acusação a Miriam, apontando que, devido à suspensão da pensão de Salomão, esta poderia ser a autora do crime que levou morte deste último. Miriam, após meio segundo (linha 11, o símbolo (..) marca es`sa pausa), afirma que não havia sido ela a autora do crime. Vale ressaltar que a cena ocorre sob um clima de tensão e angústia, o que pressupõe agitação, sobretudo, na hora de tomar o turno por parte dos participantes. Numa situação cotidiana, provavelmente, antes mesmo de o Inspetor haver

terminado a acusação, o interlocutor, que desejasse evidenciar que ele não era o autor do crime, tomaria o turno do Inspetor sem nenhuma pausa.

Assim, a presença da pausa no excerto acima evidencia que a projetabilidade da conclusão do turno é pré-determinada e também simulada. Pretende-se que seja semelhante à conversa cotidiana, mas, por uma série de questões de ordem técnica, comercial etc, essa simulação não alcança totalmente o efeito de real.

Como a projetabilidade é calculada previamente, os LRTs também o são. Assim, os turnos não são localmente projetados como acontece na conversa cotidiana. O roteiro já determina quando e onde o participante da fala-em-interação deve alocar ou tomar os turnos. Assim, o enquadre maior da telenovela determina o componente de construção de turnos.

No que diz respeito ao componente alocação de turnos, observamos que, na conversa analisada, somente o procedimento de seleção do falante ocorre. Vejamos alguns excertos:

Excerto 3

01 Inspetor ((meneia a cabeça)) nisso eu não
 02 Eustáquio acredito.
 03 (1.2)
 04 Mas..de qualquer forma, isso já são
 especulações ultrapassa:das,num é
 inspetora Elizabeth?
 05 Inspetora ..Verda:::de inspeto:r Eustáquio!
 06 Elizabeth

No excerto acima, o participante Inspetor Eustáquio aloca o seu turno selecionando a participante Inspetora Elizabeth para a tomada de turno. Observemos que a UCT “num é inspetora Elizabeth?” evidencia que houve a seleção de falante

por parte do interagente. Na fala cotidiana, o falante, selecionado para tomar o turno, aplica a projetabilidade na UCT, prevendo que, com essa seleção, o turno do primeiro falante tenha acabado. Assim, ele toma o turno e inicia a sua UCT. Na conversa analisada, isso não ocorre, já que, como apontamos, o enquadre telenovela, com o seu roteiro, determina os lugares e o momento que a alocação de turno vai ocorrer. O turno da participante Elizabeth, no Excerto 3 acima, embora simule uma tomada de turno por seleção de falante, já havia sido pré-determinado pelo roteiro. A pausa de meio segundo entre o fim da UCT do Inspetor Eustáquio e o início da UCT da Inspetora Elizabeth (linha 05) permite-nos também chegar a essa conclusão. Ao longo da conversa, outras tomadas de turno por seleção de falante ocorrem.

Como a alocação de turnos é pré-estabelecida pelo roteiro, as regras de transição de turnos levantadas por Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974]2003) ocorrem precariamente. Apesar das longas pausas, os participantes não se selecionam para a fala em lugares relevantes de transição, há a seleção do próximo falante pelo falante corrente. O turno é tomado com adiamento sem nenhuma razão aparente. Assim, a espontaneidade dos participantes da interação em análise não existe; esses funcionam como marionetes dentro do enquadre de telenovela.

4.2 Características

Dentre as catorze características levantadas por Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974]2003) para a conversa cotidiana, observamos que algumas delas podem ser aplicadas à fala-em-interação em telenovelas, analisadas neste trabalho, tais como: a) a troca de falante se repete, ou pelo menos ocorre, b) na grande maioria dos casos, fala um de cada vez e c) várias UCTs, de extensões variadas, são empregadas.

Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974]2003) apontam que a sobreposição de fala (ocorrências de mais de um falante por vez) é comum na conversa cotidiana. Entretanto, quando ocorrem, essas sobreposições tendem a ser breves. Freitas e Machado (2008) dão alguns exemplos que comprovam tal assertiva dos autores em relação à conversa cotidiana.

Na fala-em-interação analisada para este trabalho, observamos, porém, que essa característica não ocorre em momento algum. Como já apontamos, não há, em nenhum ponto da transcrição, sobreposições entre as falas dos participantes; ao contrário, os falantes tendem a terminar seus turnos, haver uma pausa e assim ocorrer a troca de turnos. A necessidade de ser audível e de ser compreendido pelos telespectadores, o que de certo modo particulariza o enquadre em questão, parece emoldurar a fala dos participantes, para que, assim, toda ação dramática em jogo possa ser compreendida. O roteiro, com suas pré-alocações e pré-determinações, também auxilia nessa não ocorrência de sobreposição. Consideremos o exemplo abaixo:

Excerto 4

```

01 Inspetor   Bo::m (2.1) doutor Amim...o
02 Eustáquio senhor::...
           a <vida> inteira foi humilhado pelo
           doutor Salomão.
03 Amim      ((riso))/mas/..o que que é isso?
04 Inspetor  Isso: é o que sempre se comentou no
05 Eustáquio grupo <Hayala>.
06           Consta...que:...um pouco antes do
           crime..
           o doutor Salomão: explodiu com o
           senhor. (1.1)
07           flashback (20.1)
08 Amim      O:::...o Salomão:...andava muito
           nervoso...
09 Jamile    Que coisa horrível me lembrar disso!
10           /Horrível!/

```

11 Inspetor Eu não sei se o que prevaleceu foi o
12 Eustáquio bom senso ou a inércia mas o
13 senhor:: preferiu::..engolir esse
14 sapo....
15 O seu caso com a ju::stiça...é
16 outro...
17 O senhor poderá ser indiciado por
18 perjúrio..
apesa::r de ser forma:do em
dire::ito,
como: me assegurou::...
e como cúmplice do doutor Samir na
morte da dona Valéria dos Santos.

No excerto acima, a troca de falas entre os participantes ocorre sem nenhuma sobreposição. Na maioria dos casos, há uma pausa de meio a um segundo. Esses elementos permitem tornar a conversa da TN mais compreensível para o público ouvinte.

Na conversa cotidiana, a alocação de turnos gera uma série de possibilidades para os falantes, isto é, ao terminar a sua UCT, o falante pode selecionar outro falante (seleção do próximo); outro falante pode se selecionar (autosseleção) em um LRT e, dessa forma, tomar o turno; ou ainda o falante pode continuar a falar, após perceber que nenhum participante tomou o turno em um LRT, o que pode acontecer com uma pausa. Logo, a ordem dos turnos não é fixa, mas variável como postularam Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974]2003).

Todavia, na conversa de telenovela que estamos analisando, esse ordenamento ocorre, como vimos mais acima, mas não de forma espontânea, isto é, não como uma negociação localmente construída entre os interagentes tal como na conversa cotidiana. A pré-alocação de turnos, determinada pelo roteiro, impede a ocorrência do modelo de troca de turnos local e interacionalmente administrado. Portanto, na fala-em-interação em análise, a ordenação de turnos é variável (já que vemos a

alocação de turnos entre os interagentes), porém pré-determinada, isto é, há uma pré-alocação.

O tamanho dos turnos, que na conversa cotidiana é variável, conforme postulam Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974]2003), na fala-em-interação em análise, observamos que o mesmo ocorre, porém, essa extensão é, da mesma forma que a ordenação, pré-determinada. O roteiro determina o tamanho da fala de cada personagem na cena, limitando e até mesmo impedindo a negociação entre os interagentes no que diz respeito ao tamanho dos turnos de cada um. Da mesma maneira, a extensão da conversa e o conteúdo dos turnos é também pré-determinado pelo roteiro. Assim, diferentemente da conversa cotidiana, na qual as possibilidades de tamanho, extensão e conteúdo são negociadas localmente, a fala-em-interação de telenovela, como a demonstrada a partir de nosso *corpus*, impede que haja essa negociação por parte dos interagentes. Na verdade, o que há, como já apontamos várias vezes, é uma simulação de um modelo de troca de turnos. Consideremos o exemplo abaixo:

Excerto 5

01	Inspetor	Quando foi empurra:do: pela
02	Eustáquio	jane:la,
03		o doutor Salomão tinha na mão um:
04		botão...
05		Esse botão foi arrancado..por ele,
06		doutor Salomão:,
07		da roupa do assassino numa
08		tentativa desesperada de se
09		salvar...
10		Ele tinha também nas mãos..esse
11		tufo de cabelo....
12		Mas co:mo ninguém é obrigado a
		produzir provas contra si
		mesmo..esse tufo de cabelo só vai
		servir como:: constatação de quem

<executou> o crime.
 (3.4)
 A senhora, <por acaso> sabe quem é
 o assassino...
 dona Clotilde?
 13 (2.3)
 14 Clô Sei (1.9)
 15 o senhor não precisa de se dar o
 16 trabalho de me denunciar.
 17 (1.8)
 18 Fui eu!
 19 (2.7)
Eu matei o Salomão!
 20 (3.5)((todos os participantes
 olham para Clô))
 21 E não me arrependo disso!
 22 (2.6)
 23 Eu suportei a truculência dele
 24 durante anos e anos e anos.
 25 (3.4)
 26 Eu sempre soube... que a maior
 27 parte dos homens desse mundo..é
 28 assim...brutos!..Grosseiros!...CAN
 29 ALHAS!
 30 (2.2)
 31 Eu sempre procurei (2.6) me
 32 defender, e me proteger.
 33 (1.8)
 34 Mas quando eu soube... que ele fez
 35 a crueldade..de mandar dopar...e
 36 internar meu filho adorado..num
 37 hospício
 38 (2.7) só porque o menino...teve a
 39 ousadia..de expor, de expressar
 40 sua visão de mundo diferente da
 41 visão dele,claro
 42 (1.5)
 43 Aquele dia, ali (1.7) a partir
 44 daquele momento...eu comecei a
 45 fantasiar(2.0)a morte do
 46 /Salomão/.
 47 (3.0)
 48 E matei.
 49 (3.8)
Matei!

(1.4)
 Matei!(1.1)
 com a mais <absoluta>
 tranquilidade espiritual>
 <emocional>.
 (1.5)
 Matei....
 Com a certe::za (1.2) de que eu
 estava me <libertando>,
 de que estava libertando o meu
filho...de um DITADOR, de um
 TIRANO...de um de um de um de um
 MO::NS.TRO!

50 Flashback (14.9)((mostra-se a cena
 51 em que Clô mata Salomão
 empurrando-o da janela))

52 Inspetor O tal tufo de cabe::lo que o
 53 Eustáquio doutor Salomão:: Hayala arrancou
 54 Clô do assassino, agora nós <podemos>
 55 os exames=
 56 =(risos altos) que:: exames
 57 inspetor?
 Pra quê exames?
 ((risos))
 Eu matei Salomão Hayala, inspetor

No excerto acima, no qual o Inspetor Eustáquio explica que, preso à mão de Salomão Hayala, encontrava-se um tufo de cabelo e o mesmo, já tendo eliminado os demais suspeitos da realização do crime, seleciona Clô para a fala, perguntando-a sobre quem seria o assassino de Salomão. Clô, em respeito à adjacência da organização da tomada de turno, responde dizendo que o Inspetor não precisaria gastar o tempo dele para denunciá-la, pois era ela quem havia matado Salomão, dando uma série de explicações pelas quais ela teria feito o crime. Observemos que, durante a troca de turnos, há uma pausa muito grande entre os mesmos (linha 13), o que permite compreender que há algo “por detrás” da fala interacional em questão. Inclusive, o próprio “monólogo” de Clô, através do qual ela dá as justificativas para

a morte do marido, é cheio de pausas (linhas 14, 16, 20, 22, 24, 27, 28, 29, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 45, 47), o que nos permite concluir que há uma pré-determinação sendo seguida para que a fala seja o mais inteligível possível.

Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974]2003) ainda apontam que, na conversa cotidiana, a distribuição relativa dos turnos não é previamente especificada, já que essa é estabelecida à medida que a interação avança e a negociação local é realizada, bem como o número de participantes de uma conversa pode variar, pois existe um conjunto de falantes em potencial que podem tomar o turno e avançar a interação.

Na fala-em-interação de telenovela, embora haja a simulação de que tudo ali está ocorrendo espontaneamente, tanto a distribuição dos turnos quanto o número de participantes são pré-determinados. Calza (1996) ressalta que, durante a gravação de uma determinada cena, seja ela externa ou interna, somente os atores envolvidos naquela ação dramática permanecem no *set* de filmagem. Portanto, a negociação na distribuição dos turnos na fala-em-interação em análise é pré-estabelecida, ou seja, o roteiro prevê exatamente quem, o que, como, onde e quando fala.

No que diz respeito aos mecanismos de reparo, ou seja, mecanismos que tentam lidar com os mal entendidos da ordem da fala, da audição ou do entendimento (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009), na fala cotidiana, tais mecanismos são bastante comuns, visto que, em vários momentos, os falantes utilizam tais mecanismos para resolver problemas locais da sequência interacional. Entretanto, na fala-em-interação de telenovela que estamos analisando, percebemos que tais mecanismos não ocorrem em nenhum momento, isto é, os participantes da interação não reparam seus turnos de modo a resolver problemas da sequencial interacional.

Como vimos através dos exemplos que disponibilizamos nas páginas anteriores, as falas dos participantes possuem várias pausas, o que minimiza a ocorrência de problemas na sequência interacional. A busca pelo audível parece também explicar o porquê de não haver mecanismos de reparos, sobreposições e interrupções na fala-em-interação analisada.

Portanto, o que podemos perceber das características da conversa cotidiana da telenovela é que a negociação da organização da tomada de turnos é, em todos os sentidos, pré-determinada pelo roteiro que os atores, diretores, técnicos, *cameramen*, editores etc. devem seguir para que o produto seja exibido nos aparelhos de televisão dos telespectadores sem os “defeitos” da fala-em-interação da vida cotidiana. Essa pré-determinação da organização da tomada de turnos faz com que as principais características da conversa cotidiana (variação na extensão, tamanho, ordem e conteúdo dos turnos, sobreposições de falas, mecanismos de reparo, entre outros) não ocorram durante a fala-em-interação da telenovela, tendo em vista que os turnos não são gerenciados localmente. Desse modo, o que temos é uma simulação das características da conversa cotidiana. Na verdade, o que todos envolvidos na preparação de uma TN buscam é tornar o mais compreensível possível a ação dramática desenvolvida no interior da trama, para que, assim, o novo da TN possa se desenrolar e os telespectadores possam ter seu entretenimento garantido.

5 Considerações finais

O presente trabalho procurou descrever a organização da tomada de turnos da fala-em-interação de uma telenovela brasileira, no caso, a telenovela *O Astro*, exibida pela Rede Globo, no período de 12 de julho a 28 de outubro de 2011.

Para efeitos de análise, foi transcrita, utilizando os métodos disponibilizados pela AC, a conversa cotidiana dos personagens da cena na qual os assassinos de Salomão Hayala são revelados. A partir da transcrição, realizamos a análise da fala-em-interação em questão ,considerando os pressupostos, os componentes, as regras e as características da conversa tal como descritas por Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974]2003).

Os nossos resultados revelaram que, de modo geral, a fala-em-interação na telenovela analisada é pré-determinada por um roteiro previamente memorizado e ensaiado pelos atores que interagem no interior da cena. Tal pré-determinação acarreta, para a interação ocorrida na cena analisada, uma supressão da negociação local da ordenação de turnos entre os interagentes: os autores, os diretores, os editores e os demais agentes envolvidos na produção de uma telenovela estão preocupados em desenvolver a ação dramática tal como estipulada pelo roteiro, pois esse é previamente aprovado pela emissora e pelos produtores. Assim, a supressão do gerenciamento local da ordenação de turnos faz com que as principais características da conversa cotidiana sejam, na conversa da telenovela, suplantadas e minimizadas ao máximo (mas não totalmente, já que algumas características ainda permanecem). Logo, tais características são pré-estabelecidas e, por isso, a espontaneidade da interação é completamente suprimida. Na verdade, tudo deve ocorrer conforme o *script*.

Embora nossa análise apresente alguns dados facilmente observáveis, eles não são totalmente inválidos, pois, a partir deles, podemos perceber as nuances que a TN coloca para a nossa organização social. Já afirmarmos anteriormente que a mesma é um produto cultural importantíssimo na sociedade e sua influência é observável em várias ações sociais. Logo, descrever a organização de turnos de uma conversa de telenovela permite-nos compreender como a representação que

ela tenta fazer da realidade é, na verdade, uma grande simulação com vistas a encenar efeitos de real os mais próximos possíveis da realidade e da organização social em que nós vivemos. Assim, perceber como tal simulação opera e como ela é produzida, seja na fala-em-interação que ela tenta simular, seja na própria produção desse produto televisivo, pode nos ajudar a compreender melhor nossa realidade e a maneira como somos, de certo modo, representados pelas produções televisivas.

Referências

- CALZA, Rose. **O que é telenovela**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- DICIONÁRIO DA TV GLOBO, v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- DOC COMPARATO. **Roteiro**: arte e técnica de escrever para cinema e televisão. Rio de Janeiro: Nórdica Editora, 1983. 263p.
- FREITAS, Ana Luiza Pires de; MACHADO, Zenir Flores. Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação. In: LODER, L.; JUNG, N. M. (Orgs.). **Fala-em-interação social**: introdução à análise da conversa etnometodológica. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2008. p. 59-93.
- GARCEZ, Pedro M. A perspectiva da análise da conversa etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, L.; JUNG, N. M. (Orgs.). **Fala-em-interação social**: introdução à análise da conversa etnometodológica. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2008. p. 17-38.
- HERITAGE, John; ATKINSON, Maxwell. Introduction. In: ATKINSON, M.; HERITAGE, J. **Structures of social action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- LEVINSON, Stephen. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- LODER, Letícia Ludwig; SALIMEN, Paola Guimaraens; MÜLLER, Marden. Noções fundamentais: sequencialidade, adjacência e preferência. In: LODER, L.; JUNG, N. M. (Orgs.). **Fala-em-interação social**: introdução à análise da conversa etnometodológica. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2008. p. 39-58.

RIBEIRO, Branca Telles; HOYLE, Susan M. Frame Analysis. **Palavra**, Rio de Janeiro/RJ, n. 8, p. 36-53, 2002.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gail. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora/MG, v. 7, n. 1 e n. 2, p. 9-73, jan./dez. 2003.

SILVA, Caroline Rodrigues da; ANDRADE, Daniela Negraes; OSTERMANN, Ana Cristina. Análise da conversa: uma breve introdução. **ReVEL**, v. 7, n.13, 2009.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: Exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre, ACE, 1998. p. 120-141.

XAVIER, Nilson. **Almanaque da telenovela brasileira**. São Paulo: Panda Books, 2007. 372p.

WATSON, Rodney. **What is ethnomethodology?** Anotações de curso. 2011.

ABSTRACT: The present work is a study of the turn-taking organization of talk-in-interaction in a Brazilian soap opera. Our goal is to describe, in comparison with spontaneous daily talk, such systematics, observing the components, the rules, and the main characteristics of this type of talk-in-interaction, within the theoretical and methodological framework of Conversation Analysis (CA). For this study, we selected a scene from the soap opera *O Astro*, aired on Globo TV, at 11 p.m., from July 12 to October 28, 2011. The scene was transcribed according to the conventions of CA. After transcription, we described the turn-taking organization following our framework. The results showed that, in the representation of daily talk in the soap opera, the negotiation in turn-taking organization is predetermined by the script which actors, directors, technicians, etc., must follow in order to have the product being displayed on television screens. This pre-determination do not allow the main features

of a daily talk to occur (at least in terms of denial) during a situation of talk-in-interaction in the soap opera, even if they try to fake the features.

KEYWORDS: Ethomethodological Conversation Analysis. Soap Opera. Turn-Taking organization. Talk-in-interaction. Frame analysis.

Data de recebimento: 27/03/2012

Data de aprovação: 29/06/2012